



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

## FISIOLOGIA DA ALMA

### MODELO ANTROPOLÓGICO TOMISTA -

O Composto Substancial que conforma o ser humano, para fins de entendimento de sua fisiologia, pode ser subdividido em:

**1. CORPO FÍSICO** - submetido às PAIXÕES CORPORAIS, ou seja, à impressão de bem ou mal estar orgânico que acometem o corpo e secundariamente a alma (interdependência dos vários estratos ou níveis)

**2. ORDEM VEGETATIVA** - possui as Faculdades ou Potências que executam atos dirigidos à manutenção da vida:

**2.1 NUTRITIVA** - NUTRIÇÃO - alimentação do corpo

**2.2 AUMENTATIVA** - CRESCIMENTO - desenvolvimento do corpo

**2.3 GENERATIVA** - REPRODUÇÃO - perpetuação da espécie (maior hierarquia)

**3. ORDEM SENSITIVA** - possui as Faculdades dirigidas aos objetos sensíveis, concretos e particulares:

**3.1 GÊNERO COGNITIVO** - destina-se ao conhecimento dos corpos, com 5 Faculdades:

**3.1.1 SENTIDOS EXTERNOS** - destinados a apreender as qualidades sensíveis dos corpos: VISÃO - AUDIÇÃO - OLFATO - PALADAR – TATO

**3.1.2 SENTIDOS INTERNOS** - necessitam das informações apreendidas pelos sentidos externos para a apreensão das imagens (interdependência das várias faculdades):

**3.1.3 SENTIDO COMUM** - apreende as qualidades sensíveis de um **corpo presente**; reconhece qualidades sensíveis diferentes (cor - sabor) e integra pela PERCEPÇÃO;

**3.1.4 IMAGINATIVA** - retém as qualidades sensíveis de um **corpo ausente**; retém as imagens apreendidas pelos sentidos externos e combina imagens conservadas (imaginação criadora - o homem só pode criar a partir do que conhece); consiste na IMAGINAÇÃO;

**3.1.5 COGITATIVA** - distingue no objeto o que pode ser nocivo ou útil; realiza o JULGAMENTO (uma “espécie” de julgamento inicial ou primitivo, porque a capacidade de julgar é função da racional. Julgar é predicar algo de um sujeito: Sujeito é Pessoa)

**3.1.6 MEMORATIVA** - retém, evoca e reconhece as percepções sensíveis e os julgamentos da cogitativa - MEMÓRIA (das imagens).

**3.2 GÊNERO APETITIVO** - Paixões da Alma – com três **Faculdades**:

**3.2.1 CONCUPISCÍVEL** - movimentos do apetite em relação aos objetos considerados como desejáveis ou não, sem impedimentos:

➤ **AMOR** - Prazer produzido pelo objeto bom em si

➤ **DESEJO** - Inclinação afetiva pela posse do bem ausente

➤ **ALEGRIA** - Posse afetiva do bem presente



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

- **ÓDIO** - Desprazer produzido pelo objeto mau em si
- **AVERSÃO** - Repulsão afetiva pelo mal ausente
- **TRISTEZA** - Posse afetiva do mal presente (entendido como o que nos priva do bem)

**3.2.2 IRASCÍVEL** - movimentos do apetite com dificuldades para a aproximação de um objeto bom ou para o distanciamento de um objeto mau (reações de alarme):

- **ESPERANÇA** - Inclinação afetiva pelo bem futuro difícil, mas alcançável.
- **DESESPERANÇA** - Inclinação afetiva pelo bem considerado inalcançável
- **AUDÁCIA** - Consciência afetiva de um mal de que se pode fugir (ataque ao mal ameaçador que nos priva do bem)
- **TEMOR** - Consciência afetiva de um mal futuro do qual não se pode fugir
- **AMOR** àquilo que se teme perder (bem presente)
- **INSUFICIÊNCIA DE FORÇAS** (estupor, terror)
- **IRA** - Tristeza de um mal presente, que impede de satisfazer o amor, o desejo e a esperança de vingança com respeito a tal mal - Posse afetiva de um mal presente, impossível de evitar.

**3.2.3 LOCOMOTORA** - movimento em direção à obtenção de um bem ou afastamento de um mal:

- Fala
- Marcha
- Gestos etc.

**4. ORDEM RACIONAL** - faculdades dirigidas aos aspectos abstrato, essencial e universal dos objetos:

**4.1 GÊNERO COGNITIVO** - permite conhecer o objeto pela ideia, indo do particular ao universal, e não há ideia sem imagem prévia (interdependência dos vários estratos); tem 2 Faculdades:

- **INTELECTO AGENTE** - pela ABSTRAÇÃO despoja a imagem de seu conteúdo sensorial, concreto e individualizante.
- **INTELECTO POSSÍVEL** - chega à ideia pela INTELECÇÃO. Possui 3 operações: Juízo, Raciocínio e Memória (das ideias).

**4.2 GÊNERO APETITIVO**

☑ **VONTADE** - tende à VOLIÇÃO ao bem geral, reconhecido pelo intelecto como conveniente.

Cada faculdade possui um fim particular que, em seu conjunto, devem ser tomadas como se fossem submetidas ao fim último da unidade. O fim de um ser é o que convém maximamente à sua natureza. Atingido esse fim, goza-se de felicidade. Deus, segundo Tomás de Aquino, é o bem cuja posse é capaz de realizar maximamente a perfeição de nossa natureza. É o fim último do homem.

Predicados que devem reger, segundo a teologia natural, as relações entre **Deus** e o **homem**, em função de suas naturezas distintas, presentes no ideário filosófico de Hahnemann:

- OBEDIÊNCIA
- DEPENDÊNCIA
- SUBORDINAÇÃO



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

- PIEDADE FILIAL
- TEMOR REVERENCIAL

## PASSOS DO ATO HUMANO E HOMEOPATIA (MASI – Rio 2002)

O **ATO HUMANO** deve ser estudado em todo medicamento porque é precisamente a sequela da problemática profunda do medicamento, ou seja, *“tenho uma mancha na imaginação que altera meu bom juízo, e aí tomo decisões erradas em algum dos passos do ato humano”*; é para onde conflui toda a problemática da Psora Primária, ou seja, a lesão e a alteração da decisão justa a respeito do que temos que fazer. Isso não implica que a lesão do Ato Humano apareça com clareza em todos os medicamentos estudados, ou porque não sabemos ver onde está a lesão ou porque não há sintomas suficientes para mostrá-la.

É no ato humano que estamos alterados: 1) porque não julgamos corretamente; 2) porque não temos interesse em alguma coisa; ou 3) o intelecto não me apresenta algo como desejável. E isso nos incapacita para nos movimentarmos.

Os 12 Passos do ATO HUMANO para conseguir um fim ou objetivo estão divididos em três **Etapas** (Escolha do Fim, dos Meios e Realização) direcionados pela Alma Racional: Intelecto e a Vontade.

Para que haja êxito, o **Ato Humano** não pode estar prejudicado em qualquer das etapas: se escolhemos mal o **Objeto** (Fim), o **Meio** (Como) ou falhamos na **Execução** (Ação), não chegamos ao Fim desejado.

INTELECTO	VONTADE
<b>I - Escolha do Fim ou Deliberação</b> - A primeira fase do ato voluntário diz respeito à escolha do FIM da ação. Quando se apresenta à inteligência um objeto desejável, a vontade é atraída para ele por um desejo vago. Isso move a inteligência a estudar a possibilidade e a conveniência de procurar obter o bem desejado, confrontando-o com outros bens, que poderiam também procurar-se, levando em conta o agrado que um e outros despertam na vontade. É o juízo; se o resultado é favorável, a vontade forma a intenção de atingir esse fim.	
1º Apresentação do objeto	2º Complacência ou volição



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

<p><b>1º passo</b> - corresponde ao <b>Intelecto</b> e consiste na apresentação de um FIM (objeto) como desejo ou busca;</p>	<p><b>2º passo</b> - Corresponde à <b>Vontade</b>, encarregada de desejar e apetecer - Complacência;</p>
<p>3º Juízo e Apreciação do objeto <b>3º passo</b> - corresponde ao <b>Intelecto</b>, ou seja, o Juízo Afirmativo que Aprecia a possibilidade de obtenção do fim desejado;</p>	<p>4º Intenção (vontade eficaz) <b>4º passo</b> - corresponde à <b>Vontade</b>, ou seja, a Intenção ou Vontade Eficaz de perseguir o objeto como o fim desejado;</p>
<p><b>II - Escolha dos Meios ou Volição</b> - Passa-se então à segunda fase, a da escolha dos meios. Pelo conselho, a razão procura os diferentes meios possíveis, considerando-os na generalidade; a vontade dá o seu consentimento. Segue-se o juízo prático da inteligência que fixa, na especialidade, os meios preferíveis. Pela escolha, a vontade adota esses meios como atos a realizar.</p>	
<p>5º Deliberação ou Conciliação <b>5º passo</b> - corresponde ao <b>Intelecto</b>, ou seja, a Deliberação ou Concílio sobre os <b>MEIOS</b> que tem à sua disposição para alcançar o fim desejado;</p>	<p>6º Consentimento (aprovação e aplicação) <b>6º passo</b> - Corresponde à <b>Vontade</b>, ou seja, é o Consentimento (aprovação e aplicação) que mantém a Deliberação;</p>
<p>7º Juízo Prático <b>7º passo</b> - corresponde ao <b>Intelecto</b>, que é o Juízo Prático (ou juízo de discernimento) do melhor meio para obtenção do fim desejado;</p>	<p>8º Eleição (aprovação e decisão) <b>8º passo</b> - corresponde à <b>Vontade</b>, ou seja, a Eleição ou aceite do meio escolhido (aprovação e decisão);</p>
<p><b>III - Realização ou Execução</b> - A última fase é a da realização. Chegado o momento, a inteligência lembra à vontade que deve ser consequente e dar realização aos atos que escolheu; ao que a vontade corresponde mandando agir as faculdades executoras. Segue-se a ação destas; e, obtido o bem escolhido como fim, a vontade regozija-se da sua posse. Mas, salvo se esse fim é o bem supremo, o fim último, a sua satisfação é passageira e incompleta; logo se despertam nela novos desejos, e o processo repete-se, indefinidamente.</p>	
<p>9º Comando <b>9º passo</b> - corresponde ao <b>Intelecto</b>, ou seja, o Comando (<i>imperium</i> no latim) ou intimação do plano de realização;</p>	<p>10º Por em obra ou em ação <b>10º passo</b> - corresponde à <b>Vontade</b>, ou seja, por em Obra ou em ação, com o uso efetivo das faculdades (<i>usus ativas</i> das faculdades);</p>
<p>11º Obtenção do fim <b>11º passo</b> - corresponde ao <b>Intelecto</b>, ou seja, a Obtenção do Fim por ele mesmo (<i>usus passivus</i>);</p>	<p>12º Fruição do bem <b>12º passo</b> - corresponde à <b>Vontade</b>, que se realiza na Fruição do Bem, que pode ser temporária (riquezas) ou permanente - DEUS.</p>



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

A patologia pode estar na:	
<b>A) Deliberação</b>	
➤ Abulia dos Impulsivos - quando a vontade não possibilita a deliberação;	
➤ Abulia dos Intelectuais - quando delibera indefinidamente sem passar à decisão;	
<b>B) Volição</b>	
➤ Abulia dos Veleidosos - quando delibera, chega ao juízo prático, mas não se decide sobre o que fazer – indecisão;	
<b>Obs.:</b> Veleidade – Vontade imperfeita, hesitante.	
<b>C) Execução</b>	
➤ Abulia dos Fracos - que decidem, mas abandonam a execução à primeira dificuldade;	
➤ Abulia dos Obcecados - comandados por ideia fixa = vontade ausente = obstinação.	

## Passos do Ato Humano

Fonte: <http://www.infosbc.org.br/site/48-materias-auxiliares/filosofia/2429-ato-humano>

A ideia está em correlação com o comportamento, uma vez que toda ideia precede a ação - ainda que nem sempre se siga - sobre o objeto perseguido. Esta correlação será tanto mais estreita quanto mais firmemente arraigada esta ideologia na pessoa, constituindo as ideias um programa de ação para ela. Sem dúvida, nem toda ideologia se traduz em um operar consequente, senão que, às vezes, se reduz a simples atos de pensamentos sem a ação correspondente.

Santo Tomás considera como **Atos Humanos** aqueles que procedem da razão e da vontade. Da definição, se deduz que os elementos de que consta o Ato Humano são o ENTENDIMENTO e a VONTADE, posto que para Santo Tomás a razão e o entendimento são uma mesma potência.

O entendimento é a faculdade intelectual. Santo Tomás distingue entre **intelecto agente** e **intelecto possível**, correspondendo ao primeiro a faculdade de fazer inteligíveis os objetos e ao segundo captá-los em suas modificações. R. E. Brennam comenta a respeito:

*"Na inteligência do homem existem duas faculdades: uma criadora ou poiética (agente), em ato; outra receptiva ou noética (possível). O entendimento agente, que é essencialmente uma faculdade ativa ou energética, pode ser definido como a faculdade de fazer inteligíveis todas as coisas. O entendimento noético (possível), que por sua mesma natureza é passivo, pode definir-se como a faculdade de fazer-se todas as coisas inteligíveis".*



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

Diferencia o Doutor Angélico entre os **sentidos**, cujo objeto é a substância corpórea concreta, e o **entendimento**, cujo objeto é a natureza ou essência dessa substância concreta, sendo **particulares e concretos** os produtos dos sentidos e **abstratos e universais** os produtos de entendimento. Por isso, contrapõe o entendimento aos sentidos, considerando ao primeiro como **potência privativa da alma racional** e aos segundos as potências de que também participam as **almas vegetativa e sensitiva**. De muitos modos o entendimento se contrapõe aos sentidos: o objeto do entendimento é **universal e abstrato** e o dos sentidos **particular e concreto**; o objeto do entendimento é a substância das coisas e os sentidos se ocupam de acidente ou operações; o entendimento reflexiona sobre seus atos, função que não podem realizar os sentidos.

Assim mesmo, diferencia entre **entendimento especulativo**, o qual se limita à contemplação da verdade e **entendimento prático** que dirige à ação do percebido. O **entendimento especulativo** tem por função discernir entre o **verdadeiro e o falso**, enquanto que o **entendimento prático** é a de discernir o **bem e o mal**. O primeiro se ocupa do conhecimento, pelo conhecimento (seu fim é a verdade demonstrável); o segundo, do conhecimento em tanto se dirige à prática, buscando como fim o bem apetecível.

A vontade é o apetite racional que assinala conseguir necessariamente **seu último fim, que é a bem-aventurança**. A vontade tem como objeto próprio o **bem absoluto e universal** que contém em si a todos os demais bens em relação com a natureza do homem. Para que esta inclinação se dê, se requer um conhecimento mais ou menos perfeito do bem, como condição essencial; a própria experiência interna nos revela a existência deste fato psicológico. Disso resulta que a forma de inclinação ao bem tem de estar em estreita relação com o conhecimento que serve de base e condição essencial.

Santo Tomás assinala que o ato da vontade a respeito do fim é um ato necessário, ou o que é o mesmo, procede da vontade em razão da natureza, posto que sendo este fim último o próprio bem universal, já seja que se considere em geral, como quando apetece e busca o homem a felicidade absoluta, já seja que se lhe considere como identificado com a coisa cuja posse constitui esta felicidade, o homem o amará necessariamente. Esta última afirmação constitui um dos principais pilares da teoria do Santo Doutor sobre a vontade e está em íntima conexão com sua concepção da liberdade, pois considera que a atividade ou **força que denomina vontade não é livre**, dado que





# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

os atos que se dirigem ao último fim se põem necessariamente (isto é, a vontade se acha assim determinada de forma natural a isso, toda vez que não pode escapar da felicidade mesma como fim) e não em virtude de uma determinação livre da própria vontade (nos referimos ao utilizar os termos bem-aventurança e felicidade a um bem que culmina todos os desejos humanos - também se utiliza como sinônimo o termo "beatitude" -, isto é, "aquilo" que nos faz "absolutamente ditosos". Esta aspiração à felicidade absoluta é em Santo Tomás própria ou conatural à nossa essência, sendo de natureza transnatural - está mais além de nossas limitações naturais -).

Distingue entre apetite natural (animal) e intelectual ou racional; este último é a vontade. Para Tomás, a vontade proporciona força imperativa aos juízos que elabora o entendimento prático, pois é a vontade que os leva a término e é o entendimento que previamente ilumina a vontade. A compreensão da vontade tem de realizar-se em relação com o entendimento. De não existir o entendimento não existirá a vontade; daqui a razão pela qual a vontade se a denomina "racional", ou também *apetite intelectual*, visto que seu objeto é o bem apreendido pelo entendimento como desejável.

*"A redução do conhecimento à vontade ou da volição ao entendimento é em Santo Tomás absolutamente impossível".*

Porém, ainda que o entendimento e vontade sejam duas faculdades essencialmente diversas, ambas pertencentes à alma humana e as ações humanas são o resultado de sua atuação conjunta: daqui que entre entendimento e vontade tem de existir necessariamente relações em ordem a cooperar à atividade humana. O entendimento é ativo só enquanto que a vontade o faz passar da potência ao ato e a vontade quer o que previamente o apresenta o intelecto. É evidente a estreita união que existe entre entendimento e vontade.

Qual é a natureza da harmônica do entendimento e a vontade? Proporciona a solução um conteúdo metafísico, admitindo a primazia do entendimento sobre a vontade em sentido absoluto e uma primazia da vontade sobre relativa da vontade sobre o entendimento.

Distingue dois atos na vontade: um que emana diretamente dela e é ato de querer (ato ilícito) e outro que é ordenado pela vontade e se executa por mediação doutra faculdade (ato imperado). Os primeiros se esgotam na mesma vontade; os segundos são mandatos da vontade a realizar por outras potências do homem. Santo Tomás matiza esta distinção em relação com a violência e assinala que nenhum tipo de coação pode afetar ao ato interno da vontade (ilícito) ainda que sim ao



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

ato imperado por ela, dado que as potências exteriores podem ser compelidas a realizar algo em contra da vontade mesma.

A respeito do problema da existência da **liberdade humana**, Tomás adota uma posição intermediária entre o determinismo e o indeterminismo. Para ele, a vontade é movida pelo conhecimento que lhe proporciona o entendimento, pelo que encontra na própria natureza do entendimento as raízes da liberdade humana. Admite a existência da liberdade humana, pois observa que se o homem não tiver o livre arbítrio lograrão aos conselhos, exortações, preceitos, proibições, recompensas e castigos e em sua opinião os hábitos e a paixões inclinam porém não determinam a conduta humana, exceto nos supostos patológicos, posto que estão subordinados à razão e nada disso repugna a liberdade.

Prévia à eleição se realiza o conselho (deliberação). A eleição se deriva de um juízo da razão a respeito ao que se tem de fazer. Recai, pois, sobre coisas a realizar. Estas coisas são incertas e duvidosas pelo que a razão reclama uma indagação prévia: por isso é preciso, antes de eleger, a investigação da razão; dita investigação se chama conselho.

O conselho não recai sobre o fim senão só sobre os meios a ele ordenados, posto que o fim tem caráter do princípio, portanto, não é objeto de discussão. O conselho, ao ser um tipo de investigação, recai sobre o duvidoso, não precedendo conselho as operações de pouca importância nem as que estão decididas por leis científicas. Em toda investigação se parte de um princípio, que é o fim (último na execução) até chegar àquele que se tem de realizar imediatamente. Daqui que a investigação no conselho é necessariamente resolutiva.

Referindo-se a eleição recai sobre o fim ou os meios, o Santo Doutor indica que o fim, como tal fim, não é objeto de eleição, toda vez que se toma já como princípio e é o objeto da vontade, a maneira que para o médico a cura é o fim que se pretende alcançar e que já está dado do fato, sendo objeto de eleição os meios para alcançá-la. Com relação a si a eleição tem ou não por objeto os atos humanos que afirma que sempre se refere de algum modo a ditos atos, posto que sempre que se elege uma coisa com preferência a outra meia na eleição alguma operação (ato humano) do eleitor. No relativo a si o homem elege por necessidade ou livremente, indica que o homem elege livremente e não por necessidade, posto que ao não recair a eleição sobre o **FIM** (beatitude) senão sobre os meios ou bens particulares, pode a razão estimá-los como elegíveis ou rechaçá-los; isto é, tem a liberdade de eleição ao não ver-se compelida a optar por um deles.





# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

## Elementos Constitutivos do Ato Humano

Fonte: <http://caritatis.com.br/2017/07/20/elementos-constitutivos-do-ato-humano/>

### I – DEFINIÇÃO

Chama-se **ATO HUMANO** aquele sobre o qual o homem tem domínio; supõe **CONHECIMENTO** de causa e **VONTADE** deliberada por parte de quem age. Se falta a intervenção do intelecto ou da vontade, não há **ATO HUMANO** (*actus humanus*), mas **ATO DO HOMEM** (*actus hominis*).

Somente o **ATO HUMANO**, e não o **ATO DO HOMEM**, é sujeito de moralidade; apenas a respeito do **ATO HUMANO** podemos dizer que ele é moralmente bom ou mau, porque somente em tal caso a pessoa se empenha com sua responsabilidade.

### II – ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO ATO HUMANO

**a) CONHECIMENTO INTELECTUAL** – A vontade, de fato, não pode ser levada para o objeto, sem antes conhecê-lo. Este conhecimento intelectual implica ou na **ADVERTÊNCIA** ou na **DELIBERAÇÃO**, ou seja, querer ou não a ação.

**b) VONTADE** – tudo o que procede da vontade, após o conhecimento intelectual do fim, se chama **VOLUNTÁRIO**. Se falta o conhecimento intelectual, não temos **ATO VOLUNTÁRIO**, mas **MOVIMENTO NATURAL**. Se falta a vontade e somos obrigados a agir por força de um agente externo, temos o **VIOLENTO**.

### III – DIVISÃO DO ATO VOLUNTÁRIO

- **PERFEITO**: quando a ação é realizada com plena advertência e com pleno consentimento da vontade;
- **IMPERFEITO**, quando a ação se realiza com sem deliberação da vontade; por exemplo, as ações dos que estão meio adormecidos;
- **VOLUNTÁRIO EM SI**: Quando querido pela vontade por si mesmo, isto é, como fim ou como meio da própria ação; por exemplo, escrever um livro imoral para corromper os outros;
- **VOLUNTÁRIO EM SUA CAUSA**: é o ato que a vontade não quer em si mesmo, mas quer em outra ação da qual ele depende como efeito de causa: por exemplo, os pecados que cometeram os espectadores de um filme erótico serão imputados, em causa, ao idealizador, ao produtor do filme e ao gerente da sala cinematográfica, que visavam apenas o lucro;



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

- **VOLUNTÁRIO ATUAL:** se a deliberação da vontade está presente no mesmo momento no qual se realiza a ação;
- **VOLUNTÁRIO VIRTUAL:** se a deliberação ao realizar-se a ação já passou, sendo, porém, esta realizada sob o influxo de tal deliberação há pouco cessado;
- **VOLUNTÁRIO HABITUAL:** quando a deliberação da vontade se forma uma vez e não se retrata; apesar disso, não se age sob a influência desta deliberação já feita;
- **VOLUNTÁRIO INTERPRETATIVO:** Nunca houve deliberação da vontade, mas presume-se que a teríamos se refletíssemos.

O **voluntário habitual** e o **voluntário interpretativo** não têm nenhuma influência sobre o ato e não bastam, por consequência, para torná-lo imputável a quem o realiza.

## IV – NÃO SÃO ATOS HUMANOS

**a) Os atos da vida vegetativa:** digestão, respiração, batidas do coração..., pois estes são praticados inconscientemente, até durante o sono.

**b) Os atos das pessoas destituídas de razão** (loucas), embriagadas, hipnotizadas, como também os atos das crianças, que não tenham uso da razão.

## AS PAIXÕES

Fonte - <http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine-data,Barros.MC,UnaIntroducaoAFilosofiaDeS.TomasdeAquino,PT.pdf>

Nos atos propriamente humanos, como vimos, o apetite sensível atua subordinado à vontade. Nem sempre assim acontece. Esse apetite é sede de movimentos, despertados diretamente pelos sentidos, que podem perturbar a obediência à vontade, ou mesmo, quando são muito violentos, paralisar completamente a vontade e impedir o exercício da inteligência. Esses movimentos chamam-se Paixões; algumas têm nomes iguais aos de sentimentos ou virtudes que por qualquer motivo se lhes assemelham, mas não são paixões, por não terem a sua sede na sensibilidade, e com que por isso convém não as confundir. As paixões podem ter por sede o apetite concupiscível ou o irascível. De entre as primeiras distinguimos o amor, o amor-paixão, animal, não o amor humano, intelectual, que tem sede na vontade, o ódio, o desejo e a aversão, a alegria e a tristeza. O amor tem por objeto um bem sensível e o ódio um mal, um objeto que dele nos priva, considerados em si mesmos. O desejo e a aversão dirigem-se, respectivamente, a um bem ausente ou a um mal afastado; a alegria resulta do bem possuído, a



# Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

tristeza da presença de um mal. Nada impede que existam simultaneamente várias lestras paixões, nem, de resto, que coexistam com elas algumas das paixões do irascível de que vamos falar, assim o mesmo bem pelo qual temos amor pode provocar em nós a tristeza de não o possuímos e o desejo de alcançá-lo. As paixões do apetite irascível têm por objeto bens ou males que apresentam, como caráter particular, certa dificuldade, o obrigam, para se obterem ou evitarem, a esforços e sacrifícios. Perante um bem que nos parece possível obter, nasce em nós a paixão da esperança (que se não deve confundir com a virtude teologal do mesmo nome); perante um mal possível de evitar, nasce a audácia. O desespero, pelo contrário, tem por objeto o bem que julgamos impossível conseguir; do mesmo modo, o medo refere-se ao mal iminente, de que supomos não nos poder livrar. Finalmente, na presença dum mal que nos atinge diretamente, a nossa reação é a cólera. Assim como as paixões arrastam às vezes a vontade, impedindo-a de desempenhar as suas funções, também a vontade pode despertar as paixões, ordena-las, e utiliza-las para os fins que traçou. Ao contrário dos estoicos, Aristóteles, e com ele S. Tomás, entendem que é lícito ao homem proceder assim. O tomismo, portanto, não exige do homem a impassividade, mas simplesmente uma disciplina que assegure em tudo a supremacia da razão. Voltaremos a este assunto quando falarmos da moral; só me refiro agora a ele, para lembrar mais uma vez quanto a doutrina tomista é humana e equilibrada.

## OS HÁBITOS

Em todas as nossas faculdades se nota certa facilidade para o exercício de alguns dos seus atos ou operações. Trata-se de tendências, de disposições estáveis, a agir de determinada maneira com precisão, segurança e agrado. Tal disposição é o que no tomismo se chama um hábito dando à palavra um sentido muito mais vasto do que tem na linguagem vulgar, sentido que, de resto, em latim, se distingue por um nome diferente: *habitus* em vez de *habitud*. Além dos hábitos propriamente ditos, automatismos criados pela repetição de certos atos, S. Tomás entende por hábito todas as tendências, automáticas ou conscientes, que determinam o uso das nossas faculdades; coisas tão diversas como a saúde, disposição do organismo a bem desempenhar as operações vitais, o temperamento, a ciência, as virtudes e os vícios, etc. Tomada assim em todo o seu significado, a palavra designa um grupo de disposições duma importância imensa, visto que regulam e especificam, pode dizer-se, toda a nossa vida. O caso duma ciência, existente no nosso espírito no estado de hábito, é um exemplo perfeito do que a palavra significa na linguagem de S. Tomás. Quem sabe matemática ou física, por exemplo, não tem sempre presentes ao espírito os seus conhecimentos sobre a matéria. Nem mesmo pensa alguma vez, explicitamente, em todos os pormenores todas as consequências do que sabe. Pode em um dado momento, estar a pensar em coisas muito diferentes da ciência em que é mestre. Essa ciência não deixa por isso de existir no seu espírito; existe não só na memória, como conclusões fixadas para futura aplicação ou demonstrações que a memória reteve, mas na inteligência propriamente dita, como aptidão especial a raciocinar nos assuntos relacionados com ela, como agudeza de



## Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

visão para os problemas de que ela trata, como capacidade de distinguir, num relance, o ponto crucial duma questão, o essencial duma dificuldade. A ciência, hábito da inteligência, não substitui a inteligência pela memória, não dispensa a sua aplicação às questões que se apresentam. Mas traça uma direção às suas operações; permite que, num dado ela trabalhe sem esforços inúteis, com rendimento muito superior ao que consegue o leigo conhecedor dos princípios a aplicar; dá, numa certa especialidade, mão de mestre quem a possui, a ponto de só se poder dizer que alguém sabe qualquer coisa, quando a sabe habitualmente. Os hábitos são, portanto, um intermediário entre as nossas faculdades e as nossas ações. Podem ter por sede as potências da alma: as faculdades vegetativas e a sensibilidade, a vontade e a inteligência. São eles que dão à personalidade de cada um de nós a sua fisionomia inconfundível. Quando conhecemos um homem, conhecemos-lhe, sobretudo os hábitos, tomada a palavra no sentido tomista. São os hábitos que dão unidade à nossa ação. São eles o elemento estável dessa coisa essencialmente variável que é a atividade de um homem. O cunho, a maneira, o feitio de cada um de nós, são os hábitos que os determinam.